

O REINO DE DEUS EM LUCAS E ATOS*

Wilson Paroschi**

Não há dúvida de que o Reino de Deus é um ensino central de Jesus, de acordo com os evangelhos sinópticos. Uma tabulação simples é suficiente para mostrar que esse tema é importante para os três primeiros evangelistas.

Mateus se refere ao “reino dos céus” 32 vezes. Tal expressão, que tem o mesmo significado de “reino de Deus”, apenas reflete uma expressão idiomática dos judeus, na qual o termo “céus” é usado em vez do nome divino (conf. Lc. 15:18), por causa de sua extrema reverência. Em 18 outras ocasiões, Mateus usa expressões variantes tais como “o evangelho do reino” (três vezes), “o reino de meu [vosso] Pai” (duas vezes), “o reino” (oito vezes), e mesmo “o reino de Deus” (cinco vezes).

Marcos fala acerca do “reino de Deus” nove vezes, e duas vezes acerca do “reino”. Lucas, por sua vez, também usa apenas duas formas de expressão: “o reino” (sete vezes) e “o reino de Deus” (32 vezes). Já que Jesus não demonstrava a mesma consideração pela tradição judaica de sua época em relação à palavra “Deus”, e já que Lucas estava escrevendo de uma perspectiva especificamente cristã,¹ ele não percebeu, ao contrário de Mateus, nenhuma necessidade plausível de utilizar a expressão “o reino dos céus” em vez de “o reino de Deus”.

Essas estatísticas claramente sublinham o fato de que “o reino de Deus” era um aspecto notável da mensagem de Jesus. De acordo com Mateus, esse era o tema da pregação de João Batista (Mt 3:2), o precursor de Jesus. Da mesma forma, quando Marcos apresenta a missão de Jesus, ele declara: “foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1:14-15). Mateus acrescenta: “Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4:23). Finalmente, Lucas, ainda com maior frequência, apresenta a Jesus ou anunciando o reino de Deus ou enviando os discípulos a que o preguem (cf. Lc 4:43; 8:1; 9:2, 11, 60; 10:9; 16:16; 19:11).²

Portanto, os Evangelhos Sinópticos demonstram todos o mesmo interesse em descrever a mensagem de Jesus como centrada no reino de Deus.³ Essa,

*Por um equívoco editorial, este artigo foi publicado no número anterior deste periódico sob o nome de Carlos Camarena. Por isso está sendo republicado neste número sob o nome de seu autor, Wilson Paroschi.

**Wilson Paroschi é professor do SALT-IAE campus 2, atualmente está cursando o Ph.D. em Novo Testamento na Andrews University, EUA.

¹ Cf. Robert Maddox, *The Purpose of Luke-Acts* (Edinburgo: T & T Clark, 1985), 15.

² Uma ênfase semelhante ocorre apenas em Mateus 4:17, 23; 9:35; 10:7 e 24:14.

³ Em João, o tema do reino de Deus se encontra virtualmente ausente. As únicas ocorrências são 3:3, 5 e 18:36. O Quarto Evangelho parece preferir o tema da vida eterna como mensagem central de Jesus.

contudo, não é a única similaridade entre eles. Além de estarem interessados no mesmo tema, os Sinópticos também revestem esse tema exatamente do mesmo conceito. Mateus, tanto quanto Marcos e Lucas, descreve o reino de Deus e o tempo de seu cumprimento a partir de duas perspectivas diferentes: o reino como uma realidade presente em Jesus Cristo, e o reino como uma realidade futura e escatológica.⁴ Em Lucas, contudo, é provável que a ênfase no reino tenha um propósito diferente, um propósito que começa no Evangelho e se projeta por todo o livro de Atos, ou, em outras palavras, um propósito que liga e unifica o Evangelho com o livro de Atos. Esse é o ponto que este artigo tenta demonstrar.

O Reino de Deus como uma Realidade Futura

De acordo com Lucas (e também Mateus e Marcos), o conceito básico do reino de Deus nos ensinamentos de Jesus é uma realidade futura e escatológica a ser inaugurada por Jesus em Sua segunda vinda. Esse era exatamente o conceito dominante no judaísmo como um todo e a maior parte das referências de Jesus ao reino de Deus deve ser interpretada em concordância com esse pano de fundo judaico.⁵

Os judeus do primeiro século aguardavam um reino com uma magnitude cósmica e sobrenatural, isto é, uma poderosa intervenção sob a forma de uma hecatombe através da qual Deus irromperia na história para redimir o Seu povo, destruir Seus inimigos e os inimigos do povo, e reverter, de forma completa e definitiva, o presente e maligno estado de coisas. Tal conceito se desenvolveu gradualmente nos tempos do AT e atingiu seu clímax na literatura apocalíptica judaica posterior.

Em Israel, a expectativa do reino de Deus se encontra explicitamente presente desde o Êxodo (Êx 15:18). Nos primórdios da monarquia, Yahweh foi primeiramente chamado de “Rei” (1Sm 12:12; Sl 5:2; 10:16; 29:10). O trono real em Jerusalém é, de fato, “o trono do reino de Yahweh sobre Israel” (1Cr 28:5). O

⁴Naturalmente, essa declaração a respeito do tempo do reino de Deus em Lucas nem sempre é vista da mesma maneira. Maddox (p. 102) afirma que “a escatologia de Lucas é não apenas mais complexa do que muitos pensam, mas também mais problemática.” Uma das mais proeminentes teorias sobre a escatologia de Lucas foi proposta, há cerca de 40 anos, por H. Conzelmann, e pretende que Lucas, para resolver uma crise de fé, que ocorria na igreja por causa da demora da *parousia*, reestrutura as profecias de Jesus e insere o tempo do fim em um futuro distante e indefinido. Essa especulação, baseada na crítica da redação, tem recebido ampla aclamação nos últimos anos. Contudo, Maddox (pp. 101-102) apresenta, além dessa teoria, seis outras explicações para o retardamento da *parousia*.

⁵A idéia de que o reino de Deus nos ensinamentos de Jesus é um evento escatológico baseado na literatura apocalíptica judaica foi primeiramente vindicada por Johannes Weiss em seu livro de 67 páginas: *Die Predigt Jesu vom Reiche Gottes* (1892). De acordo com ele, a vitória do reino de Deus sobre Satanás já tinha ocorrido no céu, e Jesus proclamava sua vinda à Terra, como um resultado do ato sobrenatural de Deus nos últimos dias. Tal idéia acabou popularizada por Albert Schweitzer em seu livro *Das Messianitäts- und Leidensgeheimnis: Eine Skizze des Lebens Jesu* (1901). Para Schweitzer, Jesus esperava a vinda do reino em um futuro imediato. Como isso não ocorreu, Jesus morreu desesperado e desiludido. Desde Weiss e Schweitzer, não tem havido dúvidas de que o elemento escatológico era central à obra e às palavras de Jesus. Não obstante, apenas um grupo reduzido de estudiosos entende o reino como exclusivamente escatológico.

rei terreno é estabelecido em seu trono tanto quanto é adotado por Deus como Seu filho (Sl 2). Para os judeus, Yahweh continua entronizado nos céus (Is 6:5), mas nos últimos dias estabelecerá Seu trono em Sião (Is 24:23), através do Messias, o novo rei Davi (Is 11:1; Ez 37:24). “O Senhor será rei sobre toda a terra” (Zc 14:9a), e Seu reino “não será jamais destruído” (Dn 2:44; 7:14).

Ainda nos dias do Antigo Testamento, esse mesmo conceito do reino de Deus pode ser encontrado, de forma expressiva, nos escritos do judaísmo incipiente. Nos *Salmos de Salomão* (17), por exemplo, o Messias-Príncipe, o filho de Davi, derrotaria os opressores estrangeiros, purificaria Jerusalém dos gentios, criaria uma nação justa e santa, e a governaria em prosperidade. Até mesmo a comunidade do Qumram reconhece e espera o reinado de Yahweh (1QM 6:6). Os membros daquela comunidade chegaram a se identificar como a geração final. As petições onze e doze das *Dezoito Bem-aventuranças* rezam: “Volva-se o nosso Juiz para nós como dantes e o nosso Conselheiro como no princípio. Sede Rei sobre nós, vós apenas... Expurgai o governo dos ímpios e destruí-o depressa ainda em nossos dias.”

Os apocalipses judaicos posteriores estenderam tal conceito em termos de um pensamento numa dimensão cósmica. O domínio real de Deus sobrevirá ao mundo numa tempestade divina e a estrutura do mundo entrará em colapso. Os mortos ressurgirão (conf. *Testamento dos Doze Patriarcas*: Judá 25; Zebulon 10:1-3). O juízo abarcará todos os homens e o mundo inteiro (*Enoque* 90-91). O povo de Deus será remido. Seus inimigos e os inimigos de Seu povo serão completamente destruídos (*Enoque* 98:9), e Israel e o mundo inteiro experimentarão uma era completamente nova (2 *Esdras* 4:26ss; *Enoque* 91:16).

Era essa a expectativa que existia entre os judeus na época do Novo Testamento. Eles aguardavam o reino de Deus não somente como um império nacional e político mas também como um reinado mundial que se estabeleceria nos últimos dias como resultado de um poderoso feito divino. E Jesus não contrariou esse conceito; pelo contrário, Ele o endossou. De acordo com Lucas, Jesus ensinava Seus discípulos a orarem pela vinda do reino (Lc 11:2);⁶ Ele confortou Seus seguidores com a promessa do reino (12:32); Ele anunciou algumas surpresas dentre os membros do reino (13:22-30); Ele disse que seria muito difícil que algumas pessoas entrassem no reino (18:24-25); Ele mencionou a páscoa antitípica que seria contemplada no reino (22:14-18); e Ele animou Seus discípulos com a promessa do banquete messiânico e dos doze tronos (22:19-30). Em outras passagens (6:20; 7:28; 8:10; 9:62; 14:15; 18:16-17), não fica claro se Lucas está realmente falando acerca do reino como uma realidade futura.

O Reino de Deus como uma Realidade Presente

Há quase que uma unanimidade entre os estudiosos de que o reino de Deus em Lucas é uma questão de cumprimento futuro. O problema é que, para a

⁶A expressão “venha teu reino” do “Pai Nosso” aponta para o futuro, quando a vontade de Deus será perfeitamente cumprida em todo o mundo (cf. a adição de Mateus: “assim na terra como no céu”).

maioria deles, esse seria o único conceito de reino de Deus que Lucas reconheceria. Maddox, contudo, não hesita em afirmar que, para Lucas, “o ponto mais importante a ser enfatizado quanto à escatologia é o grau em que as expectativas escatológicas já se cumpriram na experiência dos discípulos de Jesus.”⁷ Isso significa que, mesmo em Lucas, Jesus não limitou seu ensinamento acerca do reino àquilo que os profetas e apocalipses judaicos haviam predito. Jesus extrapolou-os e introduziu um novo elemento, um novo conceito, segundo o qual o reino de Deus também tinha uma natureza espiritual e já era uma realidade em Sua pessoa e em Seu ministério.⁸ Israel não mais precisaria aguardar o reino de Yahweh: desde João Batista o longo período de espera completara-se. Essa idéia está explícita em Lc 16:16, não importa como se traduza a primeira parte desse versículo.

De acordo com Mateus 4:17 e Marcos 1:15, a abertura da pregação de Jesus foi o anúncio de que o reino de Deus havia chegado.⁹ Embora Lucas não tenha uma declaração equivalente, pode-se inferir que, para ele, o tema inaugural de Jesus era exatamente o mesmo. A primeira menção do reino de Deus em Lucas ocorre em 4:43, onde Jesus se recusa a permanecer em Cafarnaum porque “é necessário que eu anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado.” Maddox chama a atenção para o fato de que “nenhuma menção havia sido feita em 4:31-41 acerca do conteúdo da pregação de Jesus e, por isso, fica implícito que o local no qual já havia pregado o reino de Deus é Nazaré, em Seu sermão de 4:16-17.”¹⁰ De acordo com essa passagem, o tema desse sermão foi que a promessa do AT acerca do “ano aceitável do Senhor” tinha se cumprido no início do ministério de Jesus. Isso significa, conforme conclui Maddox, que pregar o ano aceitável do Senhor é o mesmo que anunciar o reino de Deus.¹¹ Em outras palavras, em Seu primeiro sermão em Lucas, Jesus anunciou que o reino de Deus, o qual Seus ouvintes aguardavam, já estava presente em Sua própria pessoa e obra.

A próxima declaração explícita em Lucas de que o reino de Deus era uma realidade presente na missão de Jesus, está em 11:20, onde Jesus assevera que os exorcismos que Ele realiza provam que o reino de Deus é “chegado”. Deve-se notar que esse texto enfatiza uma atividade concreta de Deus para estabelecer o

⁷Maddox, 102, 103.

⁸Cf. C. H. Dodd, *Parables of the Kingdom* (Londres: Nisbet, 1950), 49. Dodd é muito conhecido por causa de sua idéia sobre a “escatologia realizada”, de acordo com a qual o reino de Deus, descrito em linguagem apocalíptica, é, de fato, a ordem transcendente além do tempo e do espaço, o “completamente outro” que entrou na história humana através da pessoa de Jesus. Embora muitos estudiosos tenham adotado sua interpretação de que o aspecto mais significativo no ensinamento de Jesus acerca do reino seja sua presença, ele tem sido criticado não apenas por reduzir o aspecto futuro do reino, mas também porque seu pensamento acerca do “completamente outro” é mais platônico do que bíblico (veja-se Ladd, 56).

⁹Cf. W. G. Kümmel, *Promise and Fulfilment* (Londres: SCM Press, 1984), 23-25. De fato, em todo este livro a tese que Kümmel tenta mostrar é que, quando Jesus se refere à vinda iminente do reino, Ele quer dizer que o reino já está presente.

¹⁰Maddox, 133.

¹¹*Ibid.*

Seu reino. Conforme diz John Nolland, Jesus está aqui claramente antecipando – isto é, tornando real – a manifestação apocalíptica do reino de Deus.¹² Esse episódio faz lembrar a instância em que Jesus enviou os setenta com a missão específica de pregar que o reino de Deus estava próximo (Lc 10:9). Quando eles regressaram, o fato mais marcante de seu relatório foi que até mesmo os demônios se submetiam a eles em Seu nome (10:17). Então Jesus disse: “Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago” – 10:18. Os exorcismos realizados com sucesso pelos setenta antecipavam a derrota final de Satanás. O triunfo do poder de Deus sobre o governo de Satanás era uma evidência inquestionável de que aquilo que Deus desejava operar por intermédio de Jesus estava se tornando uma realidade.

Tal conceito parece ainda mais claro em Lucas 17:20-21: “Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! ou: Lá está! porque o reino de Deus está dentro em vós.” Tem havido um longo debate acerca de “dentro em vós”. Três interpretações principais têm sido sugeridas:

a) o reino seria essencialmente interior: isso é gramaticalmente possível, mas tal possibilidade não encontra paralelo algum nos evangelhos, e é totalmente improvável que Jesus tivesse tal intenção enquanto se dirigia aos fariseus;

b) o reino apareceria *repentinamente* “entre vós”: a declaração seria uma profecia acerca da maneira em que se daria o aparecimento do reino; esse sentido força um pouco o significado natural das palavras, pois nada há no texto que sugira um aparecimento “repentino”;

c) o reino já estaria “entre vós”: essa interpretação se encaixa melhor, pois subentende que o reino já havia se tornado concreto em Jesus (isto é, nos eventos que ocorriam em relação a Sua pessoa).¹³

No livro de Atos, onde a maioria das referências ao reino de Deus não é aparentemente clara no que tange ao tempo de seu cumprimento, há pelo menos uma passagem que também parece indicar uma realidade presente. Em seu retorno através de Listra, Icônio e Antioquia na Pisídia, Paulo e Barnabé fortaleceram os discípulos e os exortaram a permanecer firmes na fé, e lhes mostraram que “através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (14:22). Embora muitos estudiosos¹⁴ pensem que essa passagem se refira à *parousia*,¹⁵ Maddox salienta que o contexto, especialmente à luz do verso 19, “não indica nenhuma referência óbvia à escatologia.”¹⁶ O que Lucas provavelmente desejava afirmar, portanto, é que a perseguição e o sofrimento são circunstâncias que acompanham a entrada no reino pela fé, o reino que já está presente.¹⁷

¹²John Nolland, *Luke 9:21-18:34, Word Biblical Commentary* (Dallas: Word Books, 1993), 641.

¹³Para maiores detalhes, ver Kümmel, 32-35.

¹⁴Por exemplo, Schelkle, 234.

¹⁵Isto é, à volta de Jesus (nota do tradutor).

¹⁶Maddox, 137.

¹⁷François Buvon, *Luc le théologien* (2^a ed., Genebra: Labor et Fides, 1978), 71, pensa que a passagem se refere à morte como o momento e o meio para se entrar no reino de Deus. Gerhard *

O Reino de Deus e o Propósito de Lucas e Atos

A questão do propósito de Lucas tem sido já por muitos anos um dos mais discutidos temas da teologia de Lucas,¹⁸ e talvez a solução definitiva ainda esteja por ser alcançada, basicamente porque, como afirma Henry J. Cadbury, o propósito dos dois livros pode envolver aspectos diferentes.¹⁹ É óbvio que o propósito de qualquer livro é diretamente relacionado à audiência para a qual ele é escrito. E, embora algumas teorias estranhas tenham sido propostas, há um certo consenso de que Lucas escreve especificamente a cristãos gentios.²⁰ Também é fato concorde que Lucas, mais do que qualquer outro evangelista, tem interesse particular em enfatizar o tema da universalidade da salvação de Deus. E essa idéia de salvação não é apenas importante e central no pensamento lucano, mas também, de acordo com Marshall, “provê a chave da teologia de Lucas.”²¹

Desde o início de seu evangelho, Lucas está claramente interessado em mostrar que a salvação é para todas as pessoas. O cântico dos anjos se refere aos homens em geral e não apenas a Israel (2:4). A mesma idéia está presente no cântico de Simeão (2:30-32). A genealogia de Jesus retrocede até Adão (3:38), o progenitor da humanidade, e não pára em Abraão, o pai da nação judaica, como acontece em Mateus. Em seu primeiro sermão registrado em Lucas, Jesus esclarece que a misericórdia de Deus também se estende aos não-judeus (4:25-27). Por isso, Ele não limita Seu ministério aos judeus (6:17-19; 8:26; conf. 10:1-20): a fé pode existir fora de Israel (7:9). Mesmo os samaritanos podem ser abençoados por causa de sua fé (17:19; cf. 10:25-37). Além disso, Israel não será mais o povo eleito de Deus (20:15-16; cf. 21:24), e, no banquete messiânico, para a surpresa dos judeus, muitos gentios se juntarão aos patriarcas e aos profetas (13:22-30).

No livro de Atos, essa mesma idéia de salvação universal é ainda mais clara. Pedro enfatiza que tanto a promessa do Espírito Santo como a salvação não ficam circunscritas aos judeus (2:17, 21); pelo contrário, essas coisas se referem também a “todos os que estão longe” (2:39). Ora, o povo de Deus não mais é reconhecido por sua linhagem sanguínea (3:22-23) e, por isso, os apóstolos são enviados como testemunhas de Jesus não apenas a Jerusalém e Judéia, mas também a Samaria e aos confins da terra (1:8). O concerto abraâmico finalmente alcançará todos os povos da terra (3:25). Em Atos, após essas declarações introdutórias que se referem ao período em que os apóstolos ainda estavam em

Krodel, *Acts, Augsburg Commentary on the New Testament* (Minneapolis: Augsburg, 1986), 261, combina as duas idéias, isto é, que o crente entra no reino de Deus através da morte e que os vivos o fazem por ocasião da *parousia*. Veja-se ainda Simon J. Kistemaker, *Exposition of the Acts of the Apostles, New Testament Commentary* (Grand Rapids: Baker, 1990), 524-525.

¹⁸Maddox, 20-23, lista pelo menos sete teorias que tentam explicar o propósito tanto do evangelho de Lucas como do livro de Atos.

¹⁹Henry J. Cadbury, *The Making of Luke-Acts* (Londres: SPCK, 1958), 316.

²⁰Jacques Dupont, *Études sur les Actes des Apôtres* (Paris: Les Éditions du Cerf, 1967), 419.

²¹I. Howard Marshall, *Luke: Historian and Theologian* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), 92.

Jerusalém, Lucas apresenta uma série de evidências indiscutíveis de que a universalidade da salvação de Deus está se cumprindo. Os samaritanos, além de serem batizados, recebem ainda o Espírito Santo – prova tangível de que Deus os aceitou (8:14-17). Um eunuco etíope aceita a Jesus e é também batizado (8:26-39). Pedro, depois de uma série de visões e eventos interessantes, finalmente reconhece que “Deus não faz acepção de pessoas” (10:34) e batiza Cornélio e sua família (10:48). Esse relato é muito importante para Lucas, pois, por causa disso, a igreja em Jerusalém percebe que “aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para a vida” (11:18). Então, Deus chama a Paulo, e a missão aos gentios se organiza e se torna oficial (9:15; 22:15; 26:19-20).

Dessa forma, por causa da idéia de que Lucas está tentando mostrar a universalidade da salvação, o argumento de que a audiência de Lucas era composta basicamente de cristãos gentios, se torna muito forte. Lucas pretende convencê-los de três coisas: que a evangelização que os trouxe ao cristianismo era legítima, que o favor de Deus lhes havia sido conferido e que, conseqüentemente, Deus os aceitava como Seu povo.²² E, para conseguir tal ênfase, Lucas inclui um outro ingrediente em seu conceito de salvação, que é a sua disponibilidade presente. Para ele, a salvação oriunda de Deus para todos não é apenas uma promessa cujo cumprimento é reservado ao futuro, mas principalmente uma certeza presente.

A idéia de que a salvação vinda de Deus já chegou através de Jesus Cristo é muito clara desde o início do evangelho. O anjo diz aos pastores na noite da natividade: “Hoje vos nasceu na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (2:11). Essa ênfase culmina, em Lucas, quando Jesus, na cruz, conforta o bom ladrão com a certeza presente de sua salvação (23:43). A mesma ênfase é observada no livro de Atos (2:21, 40, 47; 11:14; 15:1, 11; 16:30-34).²³

O Papel do Reino de Deus na Teologia Lucana

A idéia da presença e universalidade da salvação que vem de Deus é importante para Lucas exatamente porque ela constitui o substrato no qual ele desenvolve sua teologia do reino como uma realidade presente. O reino como algo que já está presente não é, portanto, apenas uma novidade introduzida pelos ensinamentos de Jesus, quando comparados com os ensinamentos do Antigo Testamento, mas constitui o aspecto mais significativo da escatologia de Lucas. E há evidências de que Lucas emprega esse tema como o mais elevado e derradeiro motivo que liga e unifica seus dois livros. Através dos dois livros, Lucas usa o conceito do reino para dar a seus leitores a certeza de que eles, de fato, foram chamados por Deus a fim de serem salvos.

²²Cf. Donald Juel, *Luke-Acts: The Promise of History* (Atlanta: John Knox, 1983), 111.

²³Maddox, 144, mostra que as palavras *Salvador* e *salvação* são freqüentes em Lucas e Atos, mas nunca ocorrem em Mateus ou Marcos. Da mesma forma, em Mateus e Marcos, o verbo *salvar* geralmente se refere à cura física e, ocasionalmente, quando se aplica à salvação do pecado, ele tem sempre uma conotação futura (Mr 8:35; 10:26; 13:13; Mt 1:21; 10:22; 24:13).

Um problema que tem sido freqüentemente explorado diz respeito à suposição de que, tanto em Lucas quanto em Mateus e Marcos, haja um movimento claro, do princípio para o fim desses evangelhos, no sentido em que o reino de Deus apareça primeiro como uma realidade presente e, posteriormente, como uma realidade futura. Em outras palavras, enquanto Jesus Se aproxima do final de Seu ministério, Ele passa a enfatizar mais o aspecto escatológico do reino, cujo clímax é alcançado em Seu famoso sermão escatológico e nos discursos que antecedem Sua morte (Lc 21:3; 22:16, 18, 29, 30; cf. Mt 25:1, 34; 26:29; Mc 14:25). Mas isso não quer dizer, contudo, que, conforme sugestão de Johannes Weiss, Jesus tenha mudado Sua ênfase porque, já que as circunstâncias não Lhe eram mais favoráveis, Ele "Se convencera de que o fim tinha sido adiado."²⁴

Em primeiro lugar, nada de estranho há no fato de que Jesus tenha feito referência ao aspecto escatológico do reino em um sermão de conteúdo escatológico. E a importância que Lucas dá ao sermão, tanto quanto Mateus e Marcos, pode ser atribuída unicamente ao momento crítico que Israel passava como nação (veja-se Mt 23:37-38). Por isso, Jesus aproxima os temas da queda de Jerusalém e do fim do mundo. Em segundo lugar, já que se pode considerar Lucas e Atos como uma unidade, o clímax do evangelho não deveria ser buscado no sermão escatológico de Jesus, mas no livro de Atos, e ali, como é bem sabido, o conteúdo escatológico é bastante escasso, e nenhuma das sete referências ao reino de Deus é de natureza escatológica. Pelo contrário, todas elas podem ser perfeitamente compreendidas como significando que o reino já é uma realidade presente.²⁵

A passagem chave para a teologia lucana do reino talvez seja Lc 17:20-21. Essa é a primeira ocasião, de acordo com Lucas, que se pergunta a Jesus acerca do tempo da vinda do reino. E Sua resposta é suficientemente clara: "O reino de Deus está dentre vós." Em outras palavras, o reino já veio. De agora em diante, Jesus não mais responde a essa indagação com uma referência ao tempo. Quando Lhe fazem a mesma pergunta novamente, Suas respostas sempre se referem a *quem* estará qualificado a ser admitido no reino, e não a *quando* isso se dará. E a razão para isso se deve a que, como o reino já estava presente, a coisa mais importante que os ouvintes de Lucas precisavam saber era a quem o reino era oferecido. Nesse sentido, os conceitos de salvação como uma realidade presente e salvação para todos se interligam com o conceito do reino.

²⁴Weiss, 86 (edição inglesa de 1985).

²⁵A teoria de S. G. Wilson, *The Gentiles and the Gentile Mission in Luke-Acts* (Cambridge: Cambridge University Press, 1973), 86, segundo a qual, como Atos havia sido escrito muito depois de Lucas, no intervalo dos dois escritos Lucas teria modificado sua compreensão e, por isso, menosprezado o aspecto escatológico em Atos, é fortemente rejeitada por Maddox, 131, declarando que "o autor de Lucas já é um teólogo maduro e bem formado." Assim, em seu primeiro volume, as idéias que caracterizam o segundo livro já estavam claramente representadas. Há sinais visíveis de que houve uma certa coordenação na escritura dos dois livros: Atos faz eco aos temas estabelecidos no evangelho e este introduz assuntos que necessitavam obrigatoriamente de um desenvolvimento naquele.

Um problema que tem sido frequentemente explorado diz respeito à suposição de que, tanto em Lucas quanto em Mateus e Marcos, haja um movimento claro, do princípio para o fim desses evangelhos, no sentido em que o reino de Deus apareça primeiro como uma realidade presente e, posteriormente, como uma realidade futura. Em outras palavras, enquanto Jesus Se aproxima do final de Seu ministério, Ele passa a enfatizar mais o aspecto escatológico do reino, cujo clímax é alcançado em Seu famoso sermão escatológico e nos discursos que antecedem Sua morte (Lc 21:3; 22:16, 18, 29, 30; cf. Mt 25:1, 34; 26:29; Mc 14:25). Mas isso não quer dizer, contudo, que, conforme sugestão de Johannes Weiss, Jesus tenha mudado Sua ênfase porque, já que as circunstâncias não Lhe eram mais favoráveis, Ele "Se convencera de que o fim tinha sido adiado."²⁴

Em primeiro lugar, nada de estranho há no fato de que Jesus tenha feito referência ao aspecto escatológico do reino em um sermão de conteúdo escatológico. E a importância que Lucas dá ao sermão, tanto quanto Mateus e Marcos, pode ser atribuída unicamente ao momento crítico que Israel passava como nação (veja-se Mt 23:37-38). Por isso, Jesus aproxima os temas da queda de Jerusalém e do fim do mundo. Em segundo lugar, já que se pode considerar Lucas e Atos como uma unidade, o clímax do evangelho não deveria ser buscado no sermão escatológico de Jesus, mas no livro de Atos, e ali, como é bem sabido, o conteúdo escatológico é bastante escasso, e nenhuma das sete referências ao reino de Deus é de natureza escatológica. Pelo contrário, todas elas podem ser perfeitamente compreendidas como significando que o reino já é uma realidade presente.²⁵

A passagem chave para a teologia lucana do reino talvez seja Lc 17:20-21. Essa é a primeira ocasião, de acordo com Lucas, que se pergunta a Jesus acerca do tempo da vinda do reino. E Sua resposta é suficientemente clara: "O reino de Deus está dentre vós." Em outras palavras, o reino já veio. De agora em diante, Jesus não mais responde a essa indagação com uma referência ao tempo. Quando Lhe fazem a mesma pergunta novamente, Suas respostas sempre se referem a *quem* estará qualificado a ser admitido no reino, e não a *quando* isso se dará. E a razão para isso se deve a que, como o reino já estava presente, a coisa mais importante que os ouvintes de Lucas precisavam saber era a quem o reino era oferecido. Nesse sentido, os conceitos de salvação como uma realidade presente e salvação para todos se interligam com o conceito do reino.

²⁴Weiss, 86 (edição inglesa de 1985).

²⁵A teoria de S. G. Wilson, *The Gentiles and the Gentile Mission in Luke-Acts* (Cambridge: Cambridge University Press, 1973), 86, segundo a qual, como Atos havia sido escrito muito depois de Lucas, no intervalo dos dois escritos Lucas teria modificado sua compreensão e, por isso, menosprezado o aspecto escatológico em Atos, é fortemente rejeitada por Maddox, 131, declarando que "o autor de Lucas já é um teólogo maduro e bem formado." Assim, em seu primeiro volume, as idéias que caracterizam o segundo livro já estavam claramente representadas. Há sinais visíveis de que houve uma certa coordenação na escritura dos dois livros: Atos faz eco aos temas estabelecidos no evangelho e este introduz assuntos que necessitavam obrigatoriamente de um desenvolvimento naquele.

Lucas 19:11 aparentemente lida com o tempo do estabelecimento do reino de Deus e, por isso, é geralmente interpretada de forma escatológica.²⁶ De fato, a preocupação dos discípulos dizia respeito à natureza temporal. Eles supunham que o reino deveria aparecer imediatamente. Contudo, eles ainda estavam impregnados com a idéia de que o reino teria basicamente um sentido nacionalista (cf. Lc 24:21; At 1:6). Por isso, em Sua resposta, Jesus nadá lhes fala acerca do tempo. A parábola das dez minas (v. 12-27) somente visava ensinar-lhes quem entraria no reino e não quando este viria. Apenas Lucas explicita o erro de interpretação cometido pelos discípulos, e somente ele menciona essa parábola.²⁷ Deve-se notar também que, logo depois dessa parábola, Lucas descreve a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (v. 28-40), e, sem dúvida, sua omissão, no v. 38, da expressão “bendito o reino que vem, o reino de nosso pai Davi!”, que está presente no texto paralelo de Mc 11:10, deve ser considerada intencional. Nessa seção como um todo (v. 11-40), Lucas quer, portanto, esclarecer que, pelo menos em um sentido nacionalista, os judeus foram excluídos do reino por causa de sua rejeição de Jesus. Ele também salienta que o reino que Jesus inaugurou não é mais um privilégio só de judeus nem tampouco Jerusalém é sua capital.

O fato, porém, de que Lucas se preocupe mais com os candidatos ao reino, em contraste com a preocupação dos discípulos com o tempo do estabelecimento do reino, não é algo que aparece apenas na conclusão do evangelho. Além das claras referências de Lucas que indicam que a salvação é para todos, suas primeiras referências ao reino de Deus se conectam à idéia de que os gentios também serão admitidos por Deus em Seu reino. Isso é especificamente o caso de 13:18-30. Essa é a seção que se compõe das três parábolas do reino. Leon Morris argumenta que tais parábolas devem ser interpretadas à luz desse contexto.²⁸ Através delas Jesus queria mostrar que a oposição que Ele sofrera na sinagoga (v. 10-17) não implicava que o reino não alcançaria sua consumação. Na primeira parábola (v. 18-19), o foco se volta para o fato de que o reino crescerá tanto que homens de todas as nações serão achados nele. Na Segunda (v. 20-21), enfatiza-se o poder transformador do reino. A terceira parábola (v. 22-30) repete a mesma idéia da primeira, com a diferença de que, aqui, Jesus especificou que os judeus não serão os únicos admitidos ao reino. Muitas surpresas ocorrerão no banquete messiânico com respeito à identidade dos convidados.

No fim do evangelho e também no início de Atos, Lucas apenas amplia o conceito de que o reino que já está presente não é mais exclusivo dos judeus. Ora, em Lucas 24:13-27, os discípulos de novo aparecem com a preocupação

²⁶Como, por exemplo, a interpretação de Richard H. Hiers, *The Kingdom of God in the Synoptic Tradition* (Gainesville: University of Florida Press, 1970), 11.

²⁷A suposição de que essa parábola nada mais seja do que uma variante da parábola dos talentos de Mateus 25, é equivocada. É mais provável que Jesus tenha usado uma mesma idéia básica mais de uma vez.

²⁸Leon Morris, *The Gospel According to St. Luke, Tyndale New Testament Commentaries* (Grand Rapids: Eerdmans, 1976), 224.

acerca do tempo do estabelecimento do reino de Deus. Embora usem a expressão “redimir” (v. 21), eles estavam mesmo desapontados porque Jesus havia morrido e a promessa do reino não se tinha cumprido como eles haviam antecipado. Na mentalidade judaica, a redenção de Israel ocorreria quando o Messias estabelecesse Seu próprio trono em Jerusalém (veja-se Is 24-25). Novamente Lucas alude a esse episódio - ele também é o único a mencionar o relato de Atos 1:6-7. Quando os discípulos Lhe perguntam “Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?” (1:6), Jesus nada lhes disse acerca de tempo (v. 7). Em vez disso, Ele passou a expor-lhes as Escrituras e a mostrar-lhes que tudo o que ocorrera estava de acordo com o que estava escrito acerca dEle “na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24:44), que Ele sofreria e ressuscitaria dos mortos “no terceiro dia” (v. 46), e que, em Seu nome, arrependimento e perdão dos pecados seriam pregados a todas as nações (v. 47). Ou seja, em vez de lhes responder a indagação acerca do tempo do estabelecimento do reino, Ele usou as Escrituras para mostrar aos discípulos a natureza salvífica de Sua missão e sua universalidade. Não é por mera coincidência que, no início de Atos, Lucas resume esses quatro versos (Lc 24:44-47) com a declaração de que, nos quarenta dias em que Jesus permaneceu com os discípulos antes de Sua ascensão, Ele falou “das cousas concernentes ao reino de Deus” (At 1:3).²⁹

Não há dúvidas, portanto, de que para Lucas o reino que já está presente é, de fato, uma expressão da salvação de Deus que se materializa em Jesus Cristo e que deveria ser pregada a todos os povos da terra (At 1:8). Lucas 24:45 pode ser interpretado como uma indicação de que os discípulos finalmente haviam compreendido essa verdade, e que o livro de Atos como um todo foi escrito para mostrar sua obediência à comissão de Jesus, primeiro em Samaria (8:12), e depois em terras gentias (14:22; 19:8; 20:25; 28:23, 31).

Isso significa que não há contradição essencial entre a idéia do reino como uma realidade presente e as referências escatológicas a ele em Lucas 21-22, porque nessas passagens Lucas não se refere ao tempo de seu cumprimento. A hora em que Jesus finalmente estabeleceria o reino de Deus era a preocupação dos discípulos, mas não de Lucas, e ele explora sua preocupação temporal para desenvolver a idéia de quem seria candidato ao reino. O reino de Deus já havia sido estabelecido no mundo e o poder de Satanás já fora esmagado. A salvação é uma realidade presente, e não apenas os judeus, mas “todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (At 2:21) e tornar-se-á um membro do reino de Deus.³⁰

²⁹Não há razão para duvidar que At 1:6-7 é anterior a Lc 24:44-47, e que At 1:3-5 consiste de um sumário dos eventos descritos nessas passagens. No prefácio de Atos (1:1-5), Lucas apenas segue o costume literário dos escritores antigos de começar um segundo volume com uma recapitulação do conteúdo de seu primeiro livro (veja-se Krodell, 53), e é bem claro que At 1:6-9 completa a linha de pensamento iniciada em Lc 24:36-43.

³⁰Cf. Krodell, 387.

Conclusão

Em Lucas e Atos, portanto, os conceitos de salvação, povo e reino são interligados, e é necessário que os tenhamos juntos em nossa perspectiva a fim de que possamos ter uma melhor compreensão do objetivo de Lucas. No conceito de salvação, sua universalidade e presença, ele desenvolve o tema do reino com o propósito de dar a seus leitores a certeza de que eles fazem parte do povo de Deus.

Por que motivo Lucas usa o conceito do reino de Deus com essa finalidade? Porque ele constrói sua teologia com base na esperança de Israel conforme esta se encontra exarada nas Escrituras. Israel aguardava o reino, e o reino chegou por ocasião do início do ministério de Jesus. Os judeus da geração de Jesus tiveram a oportunidade de viver no momento mais importante de toda sua história como povo de Deus. Falando aos discípulos, Jesus disse: “Bem-aventurados os olhos que vêem as cousas que vós vedes. Pois Eu vos afirmo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes, e não viram, e ouvir o que ouvís, e não o ouviram” (Lc 10:23). Aquele momento foi um momento especial de cumprimento das promessas que Deus tinha feito ao Israel antigo, mas os judeus não o reconheceram porque não havia vindo como supunham. Eles aguardavam um reino político cuja expressão seria essencialmente nacionalista. Mas o reino que Jesus inaugurara não era político nem centralizado em uma única nação. Seu reino era espiritual, e como tal ele transcendia as fronteiras nacionais.

O problema é que o repúdio de Jesus pelo judaísmo (At 28:22) poderia haver se tornado uma barreira para a comunidade cristã à qual Lucas escrevia. A igreja alegava que a base de sua fé eram as mesmas Escrituras e parcialmente a mesma tradição judaica, e como os não-judeus podiam agora encontrar qualquer significância em um sistema que tinha suas raízes no judaísmo e, ao mesmo tempo, era fortemente rejeitado pelos líderes judaicos? Esse era precisamente o problema que Lucas pode ter tido em mente quando escreveu seus livros. Sua preocupação diz respeito aos “fatos que entre nós se realizaram” (Lc 1:1), e seu objetivo, nas palavras dirigidas a Teófilo, é “que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído” (v. 4). Ou seja, Lucas está interessado em garantir a sua audiência que sua fé é legítima, que eles foram de fato salvos por Deus, que se tornaram Seu povo e membros de Seu reino.

Lucas reconhece, de fato, que o reino de Deus tem uma dimensão escatológica que se tornará realidade por ocasião da segunda vinda de Jesus. Ele salienta esse aspecto. Mas sua principal preocupação é o reino que já está presente, porque ele fala acerca da realidade da salvação oriunda de Deus. Ele está interessado na salvação e o tema do reino de Deus lhe dá a estrutura teológica através da qual ele consegue desenvolver seu propósito.³¹ Assim, ele apresenta o reino como sendo inaugurado e pregado por Jesus. Ele também apresenta a transição da posse do reino dos judeus para os gentios, e como os

³¹Maddox, 107, se aproxima muito dessa conclusão quando ele afirma que, em Lucas, “reino e redenção... parecem ter o mesmo significado.”

discípulos se tornam cômicos disso. Era muito importante que eles compreendessem esse ponto porque eles eram o elemento de ligação entre o judaísmo e o mundo gentílico. E eles não falharam em sua missão. Eles levaram o reino de Deus para rincões além de Jerusalém e da Judéia.

No fim de Atos, Lucas menciona dois pontos muito interessantes. O primeiro é que Paulo está em Roma “pregando o reino de Deus, e, com toda intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo” (28:31). Os apóstolos haviam completado sua missão. O reino está sendo anunciado sem impedimento até mesmo em Roma. O segundo ponto importante é que mesmo os judeus estão sendo convidados ao reino (28:17-28). Embora sua nação tivesse rejeitado o Messias, eles ainda podiam individualmente aceitar a Jesus e se tornar membros do reino de Deus. E Lucas diz que alguns deles foram convencidos pelo que Paulo dizia (28:21). Há, de fato, alguma razão para se supor que o livro de Atos parece inacabado ou tenha um término esquisito?³²

Traduzido, do manuscrito original em inglês,
por
Milton L. Torres

³²Veja-se French L. Arrington, *The Acts of the Apostles* (Peabody: Hendrickson, 1988), 271-272. Veja-se ainda F. F. Bruce, *The Book of Acts*, edição revisada. *The New International Commentary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 511, que diz que “o relato de Atos fecha com uma nota de triunfo.”